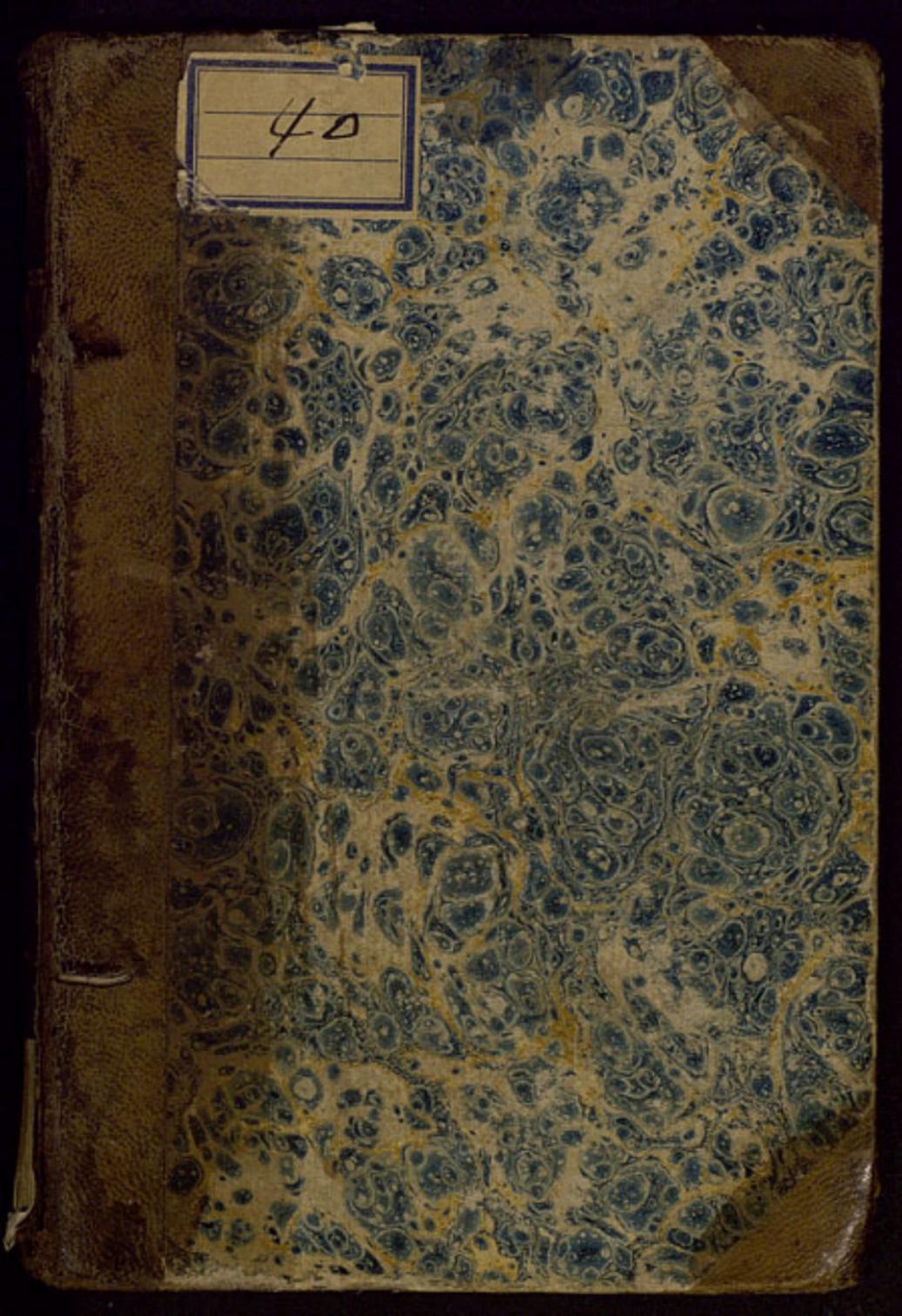


40

The image shows the front cover of an antique book. The spine is bound in dark brown leather, showing signs of wear and a small metal fastener near the bottom. The main cover area is decorated with a complex marbled paper pattern in shades of blue, yellow, and cream. In the upper left corner, a small, rectangular, cream-colored paper label is pasted, featuring a blue border and the handwritten number '40' in the center.

Sala R

Gab.

Est.

Tab. 5

N.º 13

R
5
13

1. Amigo do Povo. (Pelos
Irmãos Passos.) B. Não
acabou de imprimir-se
o ultimo N.º por reben-
tar a ~~centra~~ revolução
em Coimbra quando es-
tava no prelo.
2. Minerva Constitucional.
(Por José Joaquim d'Al-
meida Moura Coutinho
natural do Porto. B.)
Estava preso na cadeia
da Universidade quan-
do sahia alguns
destes N.ºs

3 O Publicola. Pelo Re-
dactor da Minerva e
continuaçao della.



O PÚBLICOLA

JORNAL SEMANARIO

REDIGIDO

POR

J. J. A. MOURA COUTINHO,

*Bacharel em Leis, Membro da Sociedade
Patriotica Portuense, e Ex-Redactor da
Minerva Constitucional.*

VOLUME PRIMEIRO.

JJAC



COIMBRA:

Na Typografia da Rua dos Coutinhos.

1823.

O PUBLICOLA

JOURNAL SEMANARIO

REDIGIDO

Trop superbe Ariman, oui ton regne est
passé ;

Je vois ton trone en poudre et ton sceptre
brisé.

HELVET. LE BONH. CHANT. 6.



Handwritten initials in cursive script, possibly 'M. J.' or similar.

COLLEGE

At the University of Geneva, in the year 1772.

1772

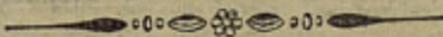
O PÚBLICOLA

Jurou o Senhor, e não se arrependerá... Elle despedaçou os Reis no dia da sua ira. Julgará as Nações, encherá as ruínas, e quebrará na terra as cabeças de muitos.

PSAL. 109.

ANNO TERCEIRO DA LIBERDADE PORTUGUEZA.

Quinta Feira 15 de Maio.



INIMIGO dos déspotas e amigo do Povo como sou, tratarei unicamente de objectos que lhe forem uteis e servir-lhe-ei de escudo contra as prepotencias e ataques do despotismo.

Posto que o Povo pôde ser forte, poderoso e respeitado, com tudo elle o não vem a ser senão quando se conhece: é pois do dever dos que se presumem seus amigos declarar com franqueza = o que o Povo é, o que o Povo pôde =, e cioso defender seus direitos e regalias contra quaesquer oppressões.

Qual outro VALERIO eu adopto o titulo de = PUBLICOLA =; porque me julgo como elle amante do POVO, e por conseguinte da sua liberdade e felicidade; não escolhi o de = AMIGO DO POVO; porque em França *Marat*, monstro vendido ao Duque de *Orleans*, fez odioso este nome. Senão desempenhar, como desejo, a tarefa de que me faço cargo, não será por falta de justiça e rectidão, pois ei-de procurar destruir o vicio e defender a virtude. A imparcialidade e incorruptibilidade será a minha devise. Prasa aos Ceos, que nunca se aparte da estrada que uma vez principiou a trilhar e possa por isso merecer a estima de seus Concidadãos.

O Redactor.

AO CONGRESSO NACIONAL.

SOBRE A INSTRUCCÃO PUBLICA.

Oje é o dia em que vós, Senhores, vos reunis para unicamente tratar da nossa segurança e felicidade. E' oje o dia do maior jubilo para os Portuguezes, porque vão ver a organização das leis, porque tanto suspiravam; os seus desejos vão oje completar-se. Oxalá que vos preenchaes as esperanças de vossos Constituintes.

Bem quisera eu que n'um dia preenchesseis vós os fins para que fostes chamados; mas tal é a sua importancia e delicadeza que elles vos consumirão grande tempo, e grande trabalho. As circumstancias actuaes exigem que primeiro trateis da nossa segurança; mas a este trabalho deve immediatamente seguir-se o de nos educardes e instrirdes.

Plutarco argue Numa, o fundador da religião dos Romanos, de não ter principiado em sua legislação por a educação da mocidade. Sem educação não pódem haver bons costumes e estes são a base fundamental da felicidade das Nações. Nós podemos, com bem magoa o digo, fazer a mesma arguição a todos os governos. Na verdade diga-se, em que paiz se vêem os Soberanos occupar-se com disvelo deste objecto tão importante á felicidade publica e particular? A politica parece olhal-o como indigno de seus cuidados: deve dizer-se que ella julga indifferente ter Cidadãos virtuosos ou corrompidos, esclarecidos ou ignorantes, rasoaveis ou desarrosoaveis? O despotismo, inimigo das luzes e da verdade, não se propõe senão a reter os homens na estupidez, a dividil-os para mais facilmente os subjugar e por isso continuamente oppõe obstaculos ao desenvolvimento do espirito humano.

A experiencia mostra que um povo pôde ser desgraçado no meio de todos os bens da terra e no seio das riquezas. *Tudo aquillo pois, diz M. de Watel, que poder fazer gozar o omem de uma verdadeira e sólida felicidade fórma um segundo objecto que merece a mais seria atençaõ do governo.* Para chegar porém a esta felicidade é necessario instruir a nação para a saber procurar onde ella se acha. Todos os euidados por tanto dos conductores do Estado devem dirigir-se a instruir seu Povo, a esclarecel-o; a dar-lhe bons conhecimentos e a tornal-os sabios discipulos. Deixemos aos déspotas do *Oriente* o aborrecimento ás sciencias; porque elles querem dominar sobre escravos. Um Principe justo e sabio ama sempre a luz e sabe que ella é vantajosa ao bom governo.

Cuidai pois, quanto antes, Senhores; em educar e instruir o vosso Povo. Eu tinha lançado as primeiras linhas sobre um plano de instrucção publica para que oferecendo-vol-o facilitasse vossos trabalhos; porém vendo á pouco uma brochura com o titulo = *Ideas sobre o estabelecimento de Instrucção Publica . . . por L. da S. M. de Alboquerque* = offerecida a vós suspendi meus trabalhos; porque na breve leitura que pude fazer delle conheci que elle preenchia o fim desejado e em tudo excedia o meu projecto

tornando por conseguinte desnecessarios os meus trabalhos.

Reconhecendo a excellencia daquelle projecto e julgando-o digno de seu Auctor e de ser adoptado, com tudo eu não me conformo sempre com elle e desejava que fosse adoptado *com algumas modificações*.

Eu vos ofereço hoje as seguintes reflexões para que sendo julgadas dignas de adoptar-se, eu tenha a gloria de dizer — *concorri para o bem da minha PATRIA.*

REFLEXÕES

*sobre o Projecto de Instrução Publica de L.
da S. M. de Albuquerque.*

Abracando e julgando optima a geral divisão de *escolas primarias, secundarias, liceos e academias*, eu quizerá que algumas doutrinas, que o sabio Auctor do Projecto quer se ensinem, fossem substituidas por outras.

Principiando pelas *escolas primarias*, eu quererei que nestas se ensine a arithmetica, porque sendo um estudo mui necessario á vida umana, se deve facilitar, quanto for possível, a todos que nelle se quizerem instruir; porém nem todos tem a possibilidade de se sustentarem nas cabeças de commarcas, onde o Auctor do Projecto quer estabelecer as *escolas secundarias* com o estudo da arithmeti-

ca; porque isto demanda além de despezas, que não estarão ao alcance de todos, a separação dos mancebos das suas familias, que lhe devem ministrar com o sustento uma educação ao nivel do seculo presente; trazendo esta separação consigo muito más consequencias; porque sendo tenra a idade em que o ómeu se applica a estes primarios estudos, facilmente se entranharão em sua alma vicios, que evitarão não sendo entregues a si mesmos e a uma plena liberdade.

Pelo que pertence ao ensino da Doutrina Christã deve fazer-se um novo Catecismo onde bem os mancebos possam saber o que são dogmas e disciplina, para cegamente acreditarem aquelles e saberem, que esta não fazendo a essencia da Religião, póde ser mudada, alterada e questionada; para que não se ensinando pelos que presentemente existem, onde não se differença o que é dogma, do que é disciplina, e onde tudo se acha em mistura confuza, os mancebos sendo adultos ouvindo fallar contra o que é disciplina não criticquem de herejes estes, o que de ordinario tem até aqui acontecido.

Passando em claro as aulas secundarias, porque em tudo me conformo com o sabio Auctor do Projecto, eu fallarei dos liceos.

A' conhecimentos necessarios, uteis e delectaveis: porém sendo tão limitada a vida

e capacidade humana, que não pôde um só ómem reunir todos os conhecimentos n'um gráo de perfeição, nós devemos exigir do ómem social primeiramente os conhecimentos necessarios e uteis, e depois os delectaveis. Porém eu julgo, que o estudo da lingua Grega não entra em alguma das duas primeiras classes de conhecimentos, por isso substituiria nos liceos uma cadeira da lingua Italiana, á de Grego; não só por que sendo uma lingua viva pôde produzir excellentes obras, que illustrem o genero umano, mas porque na realidade tem obras, principalmente em Poesia, que fazem onra á sua Nação, deixando em claro outras muitas em Politica e Philosophia como o *tractado de delictos e penas* do umano Philosopho Beccaria a quem devemos a abolição da tortura em quasi toda a Europa; e a Sciencia da Legislação de Filangieri, que com razão se tem chamado o Montesquieu da Italia; accrescendo o tornar-se mais facil a communicação e correspondencia com a Nação Italiana.

Em quanto ás Accademias, eu quizera que a Faculdade das Sagradas letras, ou Theologia na de Coimbra fosse de todo removida para os seminarios Episcopaes, que devem estar debaixo da inspecção do Governo. E' tempo de cessarem as disputas sobre uma religião divinamente inspirada á 19 seculos. Deos a estabeleceo, a Igreja é sua depositaria; e ella su-

bsistirá até os fins dos seculos: *et portae inferi non prevalebunt adversus eam*, como disse o mesmo Deos. Os Seminarios bastão para ab se apprender a conhecer a Escripturà, a Tradição, a Doutrina dos Padres e dos Concilios, e tudo o que respeita ás funcções do ministerio sagrado.

Em quanto ás faculdades de direito: é certo que o estudo das sciencias positivas causa certo enfado e fastio, pelo que se deve cuidar em fazer suave este estudo o mais possível. Eu direi por tanto, que a cadeira de direito Romano deve ser abolida, porque primeiramente o Digesto e Codigo Romano são tão extensos, que 6, ou 8 annos de profundo estudo nesta Jurisprudencia não tornarão qualquer ómem perito nella: quanto mais uma cadeira unicamente! As breves noções, que n'um anno se podem conseguir deste direito deverão ser procuradas na cadeira do estudo da historia de direito: além de que em segundo lugar, eu ignoro qual seja a utilidade, que se possa colher do estudo de um direito, que está sendo reprovado por as Nações cultas, d'um direito pela maior parte barbaro e confuso, e que é por assim me explicar um capote de retalhos, e uma legislação monstruosa.

E' bem verdade, que algumas leis justas, sabias e dignas de serem gravadas em letras de ouro existem naquella legislação: mas isto

nunca poderá justificar o estudo della : porque por este principio deveriamos nós estudar, e muito melhor seria, o direito Prussiano e Austriaco, pois pessoa alguma ignora, que os Codigos destas duas Nações beberão do direito Romano o que elle tinha de bom, e desprezando o que orrororisava a humanidade e justiça formárão dous dos melhores Codigos da Europa.

Em quanto ao estudo do direito Patrio anterior á formação dos novos codigos, eu não descubro razão alguma, que mostre a sua necessidade: antes pelo contrario são applicaveis a este direito as mesmas razões, que á para a proscricção do direito Romano, por quanto se a nossa legislação não é mais, ao mehos é tão monstruosa como a Romana, e será bom que se esqueção para sempre as ridiculas rabolices, que ella prescreve.

Eu desejára por isto que na aula do estudo de direito se desse uma noticia de todos os diferentes codigos, a epocha da sua formação e o systema nelles seguidos, com aquella extensão que permitisse o tempo, que for destinado áquelle estudo, que não deve passar de um anno.

Em quanto á educação fysica; eu julgo muito necessario, que em cada liceo aja uma aula de esgrima para ensino das armas tão necessario principalmente á Officialidade Portu-

gueza, de que a maior parte não sabe senão com valor empunhar a arma que lhe é confiada.

Finalmente é muito necessario, que os Parrochos nas suas freguezias fossem obrigados a explicar a Constituição depois da missa do dia: porque nos povos do campo menos instruidos que os da cidade, faz-lhe muita impressão aquillo que lhe é dito pelos ministros do altar, e para assim conhecerem os seus direitos, obrigações, e os bens que lhe resultão do systema adoptado. —

Certa noite mal tinha pegado no somno, quando um Diabo coxo me appareceu vestido com uma Béca vermelha á maneira das dos Collegiaes de S. Pedro, trazendo outra na mão que de certo tinha furtado a algum collegial de S. Paulo, e accordando-me diz: *O' lá Públíco! assim tu dormes? Accorda, veste esta Béca e acompanha-me para vires vér uma assembléa, que oje se installa em S. Drope, e ai' ouvirás cousas dignas de publicar.* Esfregando os ólhos perguntei-lhe como podiamos vér tudo sem sermos conhecidos. *Não temas, me tornou o Diabo, nós vestidos com estas Bécas nos sentaremos no meio delles e assisti-*

vemos a toda a sessão sem membro algum nos reconhecer ; e a galanteria é que avemos de fallar, e oppor-nos a todas as decisões, que quizermos ; vem, eu t'o affianço. Contente me levantei vestindo a tal Béca e logo o Diabo fez abrir o tecto da cadêa, e pegando-me por um braço levou-me pelos ares : e n'um momento nos vimos á porta do collegio de S. Drope e o Diabo me disse ao ouvido : *não falles, vem entrando, faz só cortezias* ; chegamos com effeito a um Salão, e sentando-nos a um canto, comecei eu a olhar por todo elle e posto duas mortças luzes o allumiassem, eu pude ler á entrada da porta o seguinte letreiro : **AQUI SÓ ENTRÃO OS AMANTES DE ASTAROTH, e por cima da meza da presidencia : SALÃO DA TENEBROSISSIMA OBSCURIDADE.** A um lado estava a figura de Astaroth com os estatutos velhos da Universidade : do outro a Estupidez com o digesto, decretaes, pandectas, waldek, cavallario, decretaes de Isidoro mercador, Pihring, Pegas, Barboza, ordenações Affionsinas, Manuelinas e Filipinas e muitos livros de Theologia aos pés : d'outrolado o Despotismo com una urna n'uma mão e na outra com RR e favas negras e com um livro aos pés aberto, onde se lia = 4.º *A todo o moço de talento RR.* = 5.º = *A todo o liberal RR, ou Favas negras.* Depois puz-me a olhar para os circunstantes e conheci muitos : uns vestidos de Bécas, nou-

tros de batina, outros de futríca, e outros de Frade de diversas ordens; mas o maior numero de Frades erão Carmelitas calçados, e entre estes estava um, que em tudo se parecia com o Reitor delles, e Bernardos. Abrio-se a sessão, e como o Diabo sabia tachigrafia fez a seguinte acta:

Assembléa

DOS AMIGOS DO TENEBROSÍSSIMO ASTAROTH.

Sessão I.^a

Aberta a sessão ás 10 óras da noute, os irmãos amigos de Astaroth reunidos em o numero maior possivel no salão da OBSCURIDADE nomeárão por aclamação para Presidente o irmão Doutor *Zejo Acetano*, e para secretarios os irmãos Doutores *Zejo Besnarder*, e *Zellassou*: logo o irmão presidente tomou o seu lugar e pondo os óculos e solidéo fallou da maneira seguinte: « Tenebrosíssimos irmãos, » eleito por vós para vos guiar (uma vóz, *nós* » *não somos cabras*) (outra *mas somos cabrões*) » eu tenho suma onra: ¡ e quem senão ufana- » rá de estar á testa (uma vóz, *á testa não que* » *vos podemos picar com os cornos*) então di- » rei, a presidir a tão tenebrosíssimos varões » de todas as classes, que todos os seus disve- » los se empregão em regar a arvore (abaixan- » do a cabeça e tirando os óculos e solideo) » da estupidez, fanatismo, ipocrisia e des- » potismo! (aquí fez uma pausa, e tornando

21 a pôr os óculos e solideo continuou) senão
 22 fosse pela decencia devida a este lugar, eu
 23 pondo o meu tricornio, e mesmo de óculos
 24 dançaria um fandango fazendo a figura do
 25 Diabo: (aqui se esquentou o diabo e berrou
 26 *á ordem, á ordem o diabo nada tem com-*
 27 *nosco*) e logo o irmão Zejo Besnarder se le-
 28 vantou dizendo: *tem, tem tudo*, porque
 29 debaixo de seus auspicios é que nós aqui
 30 nos reunimos. O dançar não é indecen-
 31 cia, e mesmo que o fosse aqui não deve aver
 32 decencia alguma, voto pois para que o Sr.
 33 Presidente venha dançar, e eu lhe servirei
 34 de pár. Foi geralmente apoiado, que se
 dançasse, porém houve grande discussão sobre
 quem avia ser o pár, e a final se decidio, que
 fosse o irmão Natonio Nemdes Darcoso, e lo-
 go ambos sairão para o meio da sala entre ri-
 sadas e palmas, porém no meio da dança o
 diabo, e o Publicola derão pateada, e elles
 esquentando-se forão para os seus lugares, e o
 Doutor *Sedinhas* veio logo com um garrafão
 de vinho e dando de beber aos dançarinos
 bebeo tambem; cubicárão todos e todos be-
 berão de maneira que foi preciso encher-se o
 garrafão um bom numero de vezes. Tudo se
 poz em socego e o presidente continuou a can-
 35 çado como estou da dança, eu continuo a
 36 orar, porém tenho-vos a adyirtir, que se
 37 tornaes a dar pateada, eu largo a pre-

" sidencia e vós perdereis um tão digno pre-
 " sidente; (o Publicola, *fóra basofia, só se*
 " *fores digno pela tua estupidez*) com as in-
 " terrupções já me fizestes perder o fio do dis-
 " curso, que tanto trabalho me deo a fazer
 " em casa; porque sabia, que era eleito; ago-
 " ra se forem asneiras não se esquentem (al-
 " guns, *asneiras é o que queremos; porque outra*
 " *cousa não sabemos dizer*; todos apoiado,
 " apoiado, apoiado) Se a natureza me dotou
 " de alguma esperteza, eu sempre a tenho em-
 " pregado no estudo da impostura, pois outro
 " não adoro. Tambem a emprego na seduc-
 " ção de mulheres casadas (os Frades e
 " Padres; *bravo, bravo, isso tambem nós*
 " *fazemos*) e posso dizer com franqueza,
 " que não sou dos mais infelizes: e finalmen-
 " te me utilizo della para infundir em meus dis-
 " cipulos o temor e ignorancia, fim nobre
 " a que nos propomos. (uma vóz; o discurso
 " *já é longo; conclua já, conclua, que quere-*
 " *mos fallar; porque a lei é igual para todos,*
 " *e isto já é muito tarde*) (*fóra, fóra; quem*
 " *foi o que fallou? Irmão presidente conclua pa-*
 " *ra averiguarmos quem foi o atrevido*; disserão
 " quasi todos). " O discurso fica feio, se se
 " conclue já, mas que assim o querem, eu
 " já accabei. "

(Continuar-se-ha).

O PÚBLICOLA

Jurou o Senhor, e não se arrependerá... Elle despedaçou os Reis no dia da sua ira. Julgará as Nações, encherá as ruínas, e quebrará na terra as cabeças de muitos.

PSAL. 109.

ANNO TERCEIRO DA LIBERDADE PORTUGUEZA.

Quinta Feira 22 de Maio.

Devem aver duas Camaras? Deve o Rei ter Veto absoluto?

EIS o que me parece digno de occupar presentemente as pennas dos escriptores publicos; não por que semelhante doutrina seja duvidosa e possa trazer-se oje a questão; mas para prevenir os espiritos menos instruidos e timidos contra as cabalas, e astucias dos inimigos da felicidade do Povo, que aristocratas pertendem lançar os ferros outra vez em

nossos pulsos, dourando-os com a sombra da Liberdade para nos illudir!

A historia de todas as revoluções assás nos mostra, que os despotas amigos de escravizar os Povos já mais tem cessado de por obstaculos á Liberdade Popular. Nem uma só revolução politica tem apparecido, sem que logo se levantem os despotas com mão armada, com astucias e rodeios a sufocar a Liberdade. Mas graças a *Providencia*: ella vai triumphando, porque o imperio da Luz e da RAZÃO tem podido espalhar-se dissipando as espessas trévas da ignorancia.

Parecia estar a revolução de 24 de Agosto de 820 destinada a não ser tentada pelos despotas e a quebrar a ordem, que a historia de semelhantes revoluções nos apresenta; e os Portuguezes já quasi que se ufanavão de serem os primeiros, que dessem ao mundo um exemplo novo e desconhecido na historia; de serem os primeiros, que fazendo uma mudança no systema politico não vertessem nem uma só gota de sangue! Não acontecêo porém assim. Na patria dos Thomazes, dos Borges, dos Rangeis e dos Albuquerquees correo o sangue dos Portuguezes e vertido por Portuguezes! Que labéo para estes! Oh! quem pudera, cortando esta pagina da historia, occultar aos vindouros um tão negro atentado!

Foi o Congresso de Laybach, o de Verona e a déspotica aliança dos barbaros do Norte quem nos preparou os ferros, quem fez correr nosso sangue! porém debalde; porque nada conseguirão, nem obterão. A facção Transmontana, terrível parto da chamada sancta aliança, acabou, porque foi expulsa de nosso territorio; mas nossos inimigos, seus sectarios ainda existem entre nós! E aonde? Que vergonha para os Portuguezes! No Congresso! Na Assemblêa Nacional! Entre nossos Representantes! Éstes perversos postergando os dictames da razão, desprezando a experiencia e calcando aos pés o sagrado juramento, que derão de defender e observar a CONSTITUIÇÃO, pertendem mudal-a e alteral-a nos pontos mais essenciaes, nos alicerces da Liberdade estabelecendo duas Camaras e Veto absoluto, para nós tornarem escravos! Prasa aos Ceos que elles não ousem cometer semelhante atentado, porque este seria o momento em que os Portuguezes regarrião com o sangue dos déspotas a arvore da Liberdade.

Quando o Redactor leo no Diario do Governo, que havia quem pertendia propôr duas Camaras e Veto absoluto foi tal a sua admiração que pegando na penna julgou do seu dever publicar este artigo: oxalá que elle aproveite instruindo e

prevenindo os espiritos menos instruidos para que se algum inimigo da nossa Liberdade ousar escravisar-nos, corra pela terra o seu sangue envolto com o de seus satellites.

Fallarei primeiro do estabelecimento das duas Camaras, e logo do Veto absoluto.

Se se me apresentasse um plano pelo qual estas devião ser formadas, melhor poderia eu bater semelhante instituição; como porém não se m'o apresenta, farei algumas reflexões geraes.

Os que pertendem perpetuar a aristocracia querem duas Camaras e pertendem justificar seus desejos com a suposta necessidade de um corpo intermedio para obstar aos abusos do poder legislativo e impedil-o de degenerar em despotismo.

E' uma verdade incontestavel e uma daquellas que em Politica se podem chamar axiomas, que *os poderes politicos devem de tal sorte estar divididos, separados e independentes*, que divididos, separados e independentes possam trabalhar para um mesmo fim, sem que se choquem e mutuamente se destruão: é tambem outra verdade não menos incontestavel, que a maquina politica deve ser o menos complicada possível para com mais facilidade manobrar; porque quantas mais forem as molas e quanta maior a sua complicação, com tanta menor facilidade ella

se move. Como pois se admitirão as duas Camaras, quando a segunda torna a maquina politica muito mais complicada, e a faz por isso ser mais vagarosa?

Em quanto a mim, a melhor Constituição é aquella, que mais se acomoda aos costumes e circumstancias da nação a que é destinada. Lançando os olhos pelas paginas da nossa historia eu não vejo no espaço de 700 annos de monarchia senão Côrtes e Rei, e Rei e Côrtes unicamente. Dir-se-á, que nas nossas antigas Côrtes se contrabalanzavão os poderes com os tres estados; por isso que o Clero, Nobreza e Povo trabalhavão em Camaras separadas? Não. Este systema foi introduzido pela vez primeira nas Côrtes de Lisboa em 1579 no Reinado do decrepito e fraco Cardeal D. Henrique. Os mesmos Filippes usurpadores seguirão o antigo costume como se vio nas Côrtes de Thomar em 1581 e nas de Lisboa em 1583 e 1619, e só caio em total desuso desde a Acclamação de D. João IV em 1641.

Embora se argumente com o exemplo das antigas Republicas de Roma, Grecia, Cartago e com o das Cidades livres da Italia, onde se tem visto existir por um e dous seculos fações que tẽdem ao despotismo; para mostrar a necessidade de um corpo que sirva de barreira ao despotismo de uma Ca-

mará: os tempos e as circumstancias tem mudado; e não existindo os mesmos motivos necessariamente deixarão de existir os mesmos effeitos. Recorramos á historia moderna, já que se pertende chamar em socorro a historia: a França formou duas Camaras legislativas; uma chamada a dos *Quinhentos* e outra a dos *Anciões*. Que se seguiu daqui? a continuacão das desgraças da França! Alem disto; está segunda Camara não conseguirá o fim pretendido: porque esta para o obter deve ser imparcial; jámais porém o será; porque uma de duas; ou é escolhida da massa do Povo e por conseguinte affecta a este; e então não deixará de se inclinar áquella parte donde recebe os poderes, e assim longe de se opôr ao abuso da primeira Camara, pelo contrario não fará senão favorecel-o; ou é tirada da massa dos nobres (posto semelhantes differenças estejam extinctas); e que mais arriscada politica pode aver? Ella cavará a ruina da Patria roubando-lhe a Liberdade; porque esta classe despotica sempre oppressora do Povo se inclinará a favor do poder arbitrario donde está em posse de receber onras, mercês, pensões etc., e não fazendo senão opôr-se á primeira Camara favorecerá o Poder executivo, sempre tendente ao despotismo. E' verdade que o despotismo de 100 ómens é mais terrivel que o de um só. Porém de quem se deve te-

mer o despotismo? de 100 ómens escolhidos pelo Povo de dous em dous annos, que gozão da estima e confiança publica, que pouca ou nenhuma influencia podem obter? ómens que apenas mostrem sentimentos despoticos não tornão a sentar-se na Assembleia Legislativa, porque o Povo não os escolherá para seus representantes? O' mens que sendo tantos tem diversas vontades e diversos sentimentos, e que é por isso quasi impossivel que deem as mãos para derrubar a Liberdade? ou de um só ómem que tem á sua disposição a força armada, que faz a guerra e a paz, que dá mercês e póde adquirir proselitos? Este interessa no despotismo, e aquelles na Liberdade e felicidade do Povo. E então que vem fazer as duas Camaras? favorecer o despotismo, perpetuar a aristocracia e crear na Sociedade distincções odiosas.

Servirá a segunda Camara para rever as leis da primeira e impedir que ellas sejam feitas com precipitação, por isso que sendo maior o numero dos legisladores, as leis serão mais sabias? Embora seja, este fim não justifica semelhante instituição; pois se póde obter com o augmento do numero dos Deputados e com o maior numero de discussões e se obsta assim aos males que são consequencia necessaria do estabelecimento de duas Camaras; o 1.º mal é a rivalidade e emula-

ção que se introduzirá logo nestas Camaras e fará com que uma pertenda dominar sobre a outra constituindo-se em guerra, como acontece nas de Inglaterra: 2.º retarda a marcha dos negocios; e sendo já vagarosa a marcha dos negocios politicos em uma Camara mais vagarosa se torna com o estabelecimento de duas; 3.º causa desunidade na legislação, mal tão grande, quam grande é a necessidade de aver unidade nas leis.

Em duas palavras: a segunda Camara é para pôr barreiras ao despotismo legislativo e executivo; neste caso áde ser tirada do Povo, ou da classe dos Nobres; no primeiro caso favorecerá a 1.ª Camara; no 2.º o poder executivo; é para rever as leis, e evitar a precipitação: é tirada do Povo. Que maior absurdo! Cem omens juntos, ou divididos em duas partes não farão o mesmo, quando tendem ao mesmo fim? Acaso o trabalhar em duas casas separadas influirá cousa alguma na bondade ou maldade das leis? E tirada dos Nobres; temos estabelecida a aristocracia, e arraigado o despotismo.

Em fim a segunda Camara é tão necessaria como a censura previa: esta é para impedir, que se publiquem maximas contrias á Religião, aos bons costumes e ao Estado: a segunda Camara para censurar as leis da primeira. Que absurdo! Uma classe de Corte-

sãos, que sempre tem interesses contrários aos do Povo são os que não de censurar as decisões de uma nação inteira? A'de esta classe ter em sua mão o approvar, ou desaprovar as leis feitas pelo Povo? Para que querem uma Camara separada? Despresão-se de concorrer com 'o Povo? Despresão-se de serem ómens? Fujão de nós: fação um nação á parte.

Argumenta-se com os exemplos de algumas nações livres. Que emportão exemplos, quando estes não são applicaveis? Os Inglezes são escravos dos Lords; elles não são livres; toda a sua liberdade consiste na Imprensa livre, e no *habeas corpus*.

Os Estados Unidos da America adoptarão é verdade duas Camaras: mas as circumstancias em que as adoptarão serão as mesmas que as nossas? Não por certo: elles quizerão sacudir o jugo dos Inglezes e fazer algumas pequenas reformas, porque elles já erão livres. E nós que temos a reformar? Tudo. Percisamos de uma reforma geral em toda a nossa Legislação; em todo o systema administrativo; na administração da Fazenda, que como todos sabem estava reduzida ao ultimo estrago; carecemos de medidas mui promptas e mui efficazes.

Supunhamos por um pouco, que as circumstancias são identicas? Que emporta; por aquellas nações serem livres, segue-se que nós

não o podemos ser mais? Quando podemos ser mais livres, devemos deixal-o de o ser, só por que as outras nações também deixarão de o ser? —

Tememos acaso a influencia das nações estranhas? Uma de duas: ou estas nações são livres, e destas só auxilios podemos esperar; ou despoticas; e destas só devemos esperar e querer a guerra. Os déspotas não se contentão com duas Camaras; querem constituições dadas por elles e não pelos Povos.

E nos Paizes onde as constituições forão dadas por elles, que vemos? correr rios de sangue.

Não poderemos nós sustentar a liberdade e independencia nacional? Isto é ignorar, que os Pastores da Suissa expulsarão de si o jugo a que estavão sujeitos pela causa de Austria e que esta grande potencia não pôde nas montanhas da Helvecia quebrar a flecha de Guilherme Tell. E' ignorar, que os Pescadores da Hollanda sacudirão o jugo de Philippe 2.^o E' ignorar que poucos dos discipulos de Pen arrostrarão ás forças combinadas da Grão-Bra-tanha. E' ignorar, que a nossa nação teve o arrojo de arrostar com o ómem mais poderoso que tem visto a Europa. E' esquecer, que ainda existem aquellas Brigadas, que levárão as armas Portuguezas ao seio de Paris. E' bem verdade, que os nossos Portos de mar pôdem ser batidos e arruinados; mas temos ainda as

montanhas de Veriato e as campinas de Sertorio, onde nos acolher. Se os déspotas nos offercerem modificações á Constituição, responderemos quaes outros habitantes de Parga *retiravos, ou poremos fogo a nossas casas, bens, mulheres e filhos; e com as armas na mão morreremos pela Liberdade deixando-vos só ruínas e cadaveres, onde imperar, e teremos a mesma resposta a retirada dos inimigos.*

Continuar-se-á.

ESFORÇOS DOS CORCUNDAS

Em Coimbra, fóco do despotismo e arbitrariedade não se tem cessado de desacreditar o systema CONSTITUCIONAL e de tornar odiosos ao Povo os Liberaes. Já em Janeiro deste anno os Corcundas chamarão os Povos á rebelião mas infrutuosamente; padecerão porém e padecem ainda alguns innocentes por semelhante causa; pelos tempos da Paschoa animados elles pelo exemplo do Manoel da Silveira e do Tbio Antonio quizerão sublevar-se, o que terão conseguido se 300 briozos Academicos decididos a morrer pela cauza sagrada se não tivessem armado e por 3 vezes frustrado seus intentos. Entra o Duque de Angouleme na Hespanha,

que acontece ! os noturnos ajuntamentos surgem ; desordens e barulhos em cada rua ; tiros e pedradas em janellas ; pancadas nos liberaes , como se diz acontecera na rua do Cruxe e Samsão ; e Cruzes por terra !!! Que devemos conjectuar ! Que os Corcundas sabendo que nada tanto move o Povo como a Religião , pertendem imputar-nos aos Liberaes semelhantes ultrages para nos fazer odiozos e dispor os Povos a alguma revolução. Isto não é conjectura ; é facto. Tem apparecido quem impute este desacato aos Liberaes !!! Mas quem tal acreditará ! Os Liberaes pertendem sustentar a cauza da Liberdade e serão elles os mesmos que lancem mão de meios que a derrubem ? Não por certo. E' certo que se está tirando uma devassa para conhecer quem são os Autores de semelhantes atentados ; consta-nos porém por pessoas fidedignas que uns poucos de estudantes, desonra e labeo da Academia são autores de taes barulhos , que são os que andavão com uma campainha cantando = *de profundis* = á Constituição , que enterrarão ; que ultrajarão alguns Constitucionaes e que forão os que lançarão por terra as Sagradas Cruzes !!! Sabemos tambem , que na noite de um grande barulho forão presos 3 com armas prohibidas , como bacamartes e pistolas , e dizem-nos , que apenas forão presos ; logo um grande numero de Lentes corcovados sahirão a pedir a sua sol-

tura. Nós não afirmamos, que elles sejam os Auctores de semelhantes barulhos, mas rogamos ao ministro a quem está incumbida a policia da Cidade aja toda a cautella e madureza em semelhante negocio; porque a gente da Cidade se queixa muito: e no entanto rogamos a attenção do publico sobre este artigo; para que veja quem ultraja a Religião; se os liberaes, que são (pelos corcundas, taxados de impios e PEDREIROS LIVRES (palavras que não entendem) se os Corcundas, que sempre trazem na boca a religião e no coração a perversidade. —

NOTICIAS.

Corunha 7 de Maio. — Ontem entrarão nesta cidade mais de 240 facciosos dos prisioneiros de Bessieres. Escrevem de Victoria, que depois da entrada ali dos facciosos e dos Francezes se fizeram muitas prisões a pretexto de religião. (Diario de Curunha). Eis aqui os bens, que os Francezes nos querem dar! Desenganem-se os Póvos de que elles só nos querem escravizar, e tratar-nos como aos infelizes Napolitanos. Corramos ás armas a defender a Liberdade e mostremos a estas Falanges de escravos, que são os vencedores de Ourique quem lhes faz a guerra.

O General Ballesteros depoz do commando ao General *Porras* pela retirada, que ultimamente fez desde *Victoria* a *Logronho*. (Id.)

Paris 25 de Maio. — Um despacho chegado ontem á noite pelo estafeta diz o seguinte: « O Conde de *Amarante*, que os *Periodicos Liberaes* tem annuciado muitas vezes derrotado e até morto, sabendo na *Provincia* de *Traz-os-Montes* em *Portugal*, que o exercito *Francez* tinha passado o *Bidassoa*, propoz a *S. A.* o *Duque de Angouleme* de entrar na *Hespanha* com um corpo de 25000 ómens e 800 cavallos, postando-se sobre *Astorga*. *S. A. R.* lhe mandou agradecer; porém não accitou os seus offerecimentos, por que a *França não está em guerra com Portugal.* » (*Jornaes Francezes*)

Peralda 22 de Abril. — Neste dia intimou o *Marechal Monecy* ao *Governador de Figueiras*, que entregasse a *Praça*. O *Governador Santy de S. Miguel* respondeo, que a *guarnição* e elle estavam determinados a sepultar-se debaixo da *Praça* antes do que faltar ao seu dever e aos seus juramentos entregando-a; e acrescentou: « Eis a unica resposta, que tenho a dar a *V. Exc.*; não querendo faltar á *civilidade* recebi o *Parlamentario*, mas advirto, que não tratarei do mesmo modo o segundo que vier com igual missão. » A *praça* foi atacada no dia 23; ainda não sabemos o resultado; logo que o soubermos o publicaremos. —

H E S P A N H A .

O Redactor vendo uma carta de um dos mais dignos Deputados das Côrtes de Hespanha, não quer retardar ao publico a satisfatoria noticia, que elle dá com certeza.

Os Francezes foram batidos diante de Pamploña com uma muito consideravel perda de mortos além de 300 carros de feridos, que mandarão para França.

Pessoa fidedigna escreve de Madrid em data de 13 noticiando, que uma columna de 10,000 Francezes que entrava na Catalunha fora completamente batida pelo General Mina, e que uma das Brigadas Francezas não se quisera bater. VIVÃO OS HESPAÑHÓES! VIVA A LIBERDADE! VIVÃO OS SEUS DEFENSORES! MORRÃO OS DESPOTAS!

Sabe-se com toda a certeza, que os Francezes fazem uma marcha retrógrada sobre o Ebro! As ospedagens, que os Hespanhoes lhe tem feito não lhe tem agradado? Esperavão ver mudado o character e brio Hespanhol? Desenganem-se por uma vez os Corcundas, que a causa da Liberdade jámais retrogradará em quanto os Hespanhoes e Portuguezes forem os seus defensores.

A retirada que os Francezes principião a fazer sobre o Ebro tem desanimado os facciosos, que pertendendo entrar em nossas fronteiras já cuidão em se retirar.

Folhas Inglezas e algumas cartas, que o Redactor tem visto de Hespanha desmentem os Jornaes Francezes sobre a recepção destes nas terras de Hespanha. Tal é o descontentamento, que a sua entrada tem causado, que os habitantes das terras invadidas fechando as suas portas e janellas se refugião nas Aldêas. Eis a alegria e prazer com que os Hespanhoes recebem os seus novos óspedes! Eis as noticias, que o Redactor tem podido colher; bem quizera elle fazer algumas reflexões; mas não lh'o permitindo a curta extensão deste Jornal as reserva para os Numeros seguintes, onde irá sempre publicando as noticias dos melhores Jornaes, e da sua correspondencia. O Redactor nada occultará; quer seja favoravel; quer desagradavel á sagrada causa, que jurámos manter e defender até com a morte: não será com tudo Segarrega, Rabecão, Trombeta, ou outro dos que se assemelhão a estes . . .

N. B. O Diabo Còxo, que redigio a Acta da Assemblêa dos AMIGOS DO TENEBROSISSIMO ASTAROTH, escreveu ao Redactor declarando, que o socio, que dançou com o Presidente não se chamava Notonio Nemdes Darcoso; que este não tinha lá apparecido pois lhes não era muito affecto. Faz esta declaração para favar a nodoa, que semelhante equívoco podia lançar na reputação do Sr. Darcoso. —

O PÚBLICOLA

Jurou o Senhor, e não se arrependirá... Elle despedaçou os Reis no dia da sua ira. Julgará as Nações, encherá as ruínas, e quebrará na terra as cabeças de muitos.

PSAL. 109.

ANNO TERCEIRO DA LIBERDADE PORTUGUEZA.

Quinta Feira 29 de Maio.

Continuação da pag. 27.

Devem aver duas Camaras? Deve o Rei ter Veto absoluto?

SE o estabelecimento de uma segunda Camara aniquila o equilibrio, que deve aver entre os tres poderes politicos; se perpetua a aristocracia; se arreiga na sociedade distincções odiosas; se faz os Povos escravos dos nobres; desta classe d'espótica e sempre

oppressora; se a segunda Camara é um balarde que atira sempre á Liberdade Popular; se faz que a Liberdade não seja senão um vão fantasma; que direi do *Veto absoluto*? Este é uma monstruosidade Politica! Com elle o Rei não só embaraça a marcha dos negocios Legislativos; mas até os desfaz. Com elle rompe-se o equilibrio; com elle é o poder Legislativo subordinado ao Rei; ou para melhor dizer o Rei concentra em si o poder de executar as Leis, e de as fazer, porque não se promulgão senão as que elle quer; porque com o Veto, ou melhor, com o *não quero*, *porque não quero*, elle não deixa passar senão as que lhe aprouverem!! E então de que serve a Camara Legislativa? De se retardar a marcha dos negocios; pois tem de discutir 3, 4, 6, 8, e mais Leis até acertar com a que agrade ao Rei.

Para mostrar a monstruosidade do Veto, bastará dizer; concedido ao Rei o *Veto absoluto*, não se faz na Sociedade senão o que elle quer; e temos assim um depotismo ainda peor que o de uma Monarchia absoluta.

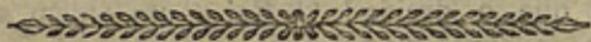
Diga-se embora que se deve conceder ao Rei o *Veto absoluto* para impedir a promulgação de Leis pouco adequadas ás circumstancias e aos costumes dos Povos: quem é que melhor conhecerá as necessidades dos Povos? O Rei; que está na Còrte rodeado

de aulicos, que dali nunca sabe, ou 100 e 200 ómens escolhidos pelo Povo de todas as partes do Reino; que por isso reúnem o conhecimento de todas as circumstancias e necessidades? Poderão errar? Quem áde ser o Juiz que o decida? O Rei, um ómem só? Uma de duas: ou o Rei deixa passar a Lei ou não: no primeiro caso ella é boa; e no segundo é má porque o Rei o diz!!! —! E' mais facil enganarem-se 100 ómens sabios, amigos do Povo, zelosos da sua liberdade e do seu bem, do que o Rei!!!!!! Conceder ao Rei o *Veto absoluto*, é o mesmo que dizer = *é mais provavel que o Rei erre, mas queremos que elle decida tudo; queremos que elle tenha um poder despotico; emfim queremos ser escravos* =

Quando nós queremos dividir os poderes, e separal-os, estabelece-se o Veto para os amontoar? Que maior absurdo? Ou nós queremos ser livres, e então devemos observar, e fazer obervar a Constituição, que impede toda e qualquer mudança nella; ou queremos ser escravos; e então rasgue-se; e esqueçamos que tivemos um Codigo Sagrado que de bestas de carga nos fazia ómens!

Deputado algum tem poder para propor a mais leve mudança na Constituição; por isso o Redactor está bem longe de acreditar que haja quem ouse levantar a voz para nos

tornar escravos; e se o ouver, os Portuguezes saberão mostrar que conhecem os seus direitos; que sabem ser livres, e não deixarão impunes os traidores.



OS TRIUMFOS DA LIBERDADE (*).

A NATUREZA nos creou livres e nós mesmo aviltando a NATUREZA e esquecendo que eramos ómens nos temos deixado subjugar pelo ambiciozo orgúlho dos que pertendião unicamente absoluto imperio para de nós e nossos bens disporem a seu arbitrio. Esquecia-nos os direitos do ómem e viviamos escravos debaixo do tyrannico jugo dos mais barbaros monstros! Umano sangue regava seus thronos, e crueis supplicios ultrajando a innocencia servião a seus olhos de espectaculo deleitoso!! Exultavão com os gemidos da humanidade; porque julgavão seguro o seu triumpho. Os bens, as fortunas e vidas dos Cidadãos dependião do capricho destes monstros,

(*). *Este artigo foi escripto no tempo em que se começou a conhecer o desejo, e ambição de Luis XVIII; não o tenho publicado, por julgar mais interessante os objectos que lhe tenho preferido.*

que parecem ter nascido unicamente para flagello da humanidade, sem se lembrarem que o Povo pôde existir sem Reis, e que estes sem Povo são nada.

Não eramos só escravos do despotismo politico; os ministros da igreja cobrindo-se com o véo da religião fazião-se déspotas ainda mais temiveis, porque dirigião nossas consciencias, e illudião nossa credulidade com ineptas superstições, imbutindo em nossa alma innumeraveis perjuizos e abuzos: assenhoreavão-se do resto dos bens que o despotismo politico nos deixava, e opunhão-se ao progresso das luzes; porque no seu progresso vião o colosso, que os avia derrubar por terra.

Porém o Deos, Creador do Universo magoado dos gemidos da humanidade, e cansado do despotismo dos Reis e de seus Sacerdotes, *despedaçou os Reis no dia da sua ira*, deixando ouvir a voz da RAZÃO e da NATUREZA a travez das espessas nuvens da ignorancia e superstição: e os *Povos* escutando unicamente aquella voz reconhecem seus direitos; reivindicão os que lhe tinham sido usurpados, despedação os thronos dos tyrannos, quebrão seus sceptros; e de escravos se tornão ómens livres.

Corramos as paginas da historia, e nós veremos os *Povos* uns apoz outros reclama-

rem a Liberdade, e sustental-a com prodígios de valôr.

Veneza é a primeira que a historia moderna nos appresenta reivindicando os seus direitos; em 452 estabelece a sua republica, e ella é a mais antiga das da Europa moderna. A liga de *Cambrai* entre o Papa, o Rei de França e o de Hespanha, para destruir a republica de *Veneza* não pôde tornal-a escrava; e a conjuração em 1618 descoberta por *Jaffier* nada conseguiu; e apesar de algumas vicissitudes ella estabeleceo a sua republica, e a sua republica ainda existe.

Os *Genoveses* em 1099 fundão a sua republica; e posto em 1339 as facções dos *Guelfes* e *Gibelins*, que não cessavão de oppôr-se á felicidade dos *Genoveses*, podessem occasionar alguma mudança no governo, não poderão com tudo roubar-lhe a Liberdade. Os déspotas porém que aborrecem os Povos livres; porque veem que a óra da sua queda e' chegada, não tem cessado de empregar os seus esforços para arrancar a arvore da Liberdade: assim se nós vemos a liga de *Cambrai* contra *Veneza* nós vemos em 1396 *Carlos VI* Rei da *França* astuciosamente appossar-se de *Genova* e estabelecer nella a tyrannia. Não tardou porém este Povo lembrado da sua liberdade a degolar a guardação *Françeza*, e sacudindo o tyrannico ju-

go restabelecer a sua Liberdade. *Luis XII* pôde, é verdade, assenhorear-se de Genova, mas André Doria livra este Povo da dominação de *Francisco I*, e em 1547 elle sufoca a revolução que a familia de *Fiesques* pretendia fazer, e salva assim a Liberdade da sua Patria, que apesar das tentativas dos tyrannos a tem sabido conservar.

Os *Hollandexes* em 1566 subtrairão-se á tyrannia de *Filippe II*; e em 1579 sete Provincias dos *Paises-Baixos* se constituirão em republica. Não tardarão os déspotas a querer suffocal-os, mas a Hespanha, cujas frotas tinham fortemente sido batidas pelo celebre *Tomp* é obrigada a reconhecer a soberania dos 7 Estados da Hollanda. Bastantes esforços fizeram os Inglezes para os subjugar, mas finalmente, elles são obrigados a reconhecer a sua liberdade e independencia. E posto os *Françezes* podessem em 1795 conquistar a *Hollanda* e abolir o systema federativo daquella republica, os *Hollandexes* em 1801 recobram a sua Liberdade, e formão uma nova Constituição com o titulo de republica *Batava*, e ainda oje se conservão e conservarão livres.

No meio de guerras internas os *Inglezes* estabelecem a sua liberdade, e ainda que os privilegios e garantias contidas na carta de *Jean Sans-Terre* se tinham esquecido durante

as convulsões intestinas, com tudo elles datão da subida de *Guilherme III* ao throno a época da sua liberdade: e desde então nada tem podido roubar-lha.

Em 1774 os Americanos Inglezes se revoltão, e formão o 1.º Congresso de Philadelphia composto de Deputados de todas as partes das Colonias da America septentrional, e apesar das guerras de Inglaterra e França os Americanos defendendo e sustentando com prodigios de valôr a sua Liberdade os Inglezes são obrigados a reconhecer a sua independencia e Liberdade.

Os Francezes proclamáraõ a Liberdade; mas a astucia do maior guerreiro dos tempos modernos soube reduzil'os á escravidão, e oje elles estão debaixo do mais tyranico jugo. Não tardará porém o tempo em que os vejamos livres sacudindo os pezados ferros que os opprimem; porque as luzes tem podido triumphar illuminando os Povos e desterrando as trévas da ignorancia base fundamental dos thronos despoticos.

E averá ainda quem á vista de tantos baldados esforços dos tyrannos e triumphos da razão, ouse dizer que a Liberdade da Peninsula sucumbirá!

Nós não eramos mais felizes que os outros Povos; a escravidão politica e religiosa nos dominava, e nós exasperados soubemos

quebrar os ferros vingando a NATUREZA. São ainda recentes as feridas dos ferros, e só com o sangue dos Déspotas ellas fecharão de todo. Conservamos ainda muito rancôr ao despotismo para nos deixarmos subjugar por elle. As Nações que tem sabido sustentar o pendão da Liberdade com valôr não são mais fortes que nós. Abrão-se as paginas da historia, e vejamos quem appresenta mais prodigios de eroicidade.

Onde se lê uma victoria como a de Ourique? Uma como a do Sallado? Que historia appresenta tantos prodigios de valôr como a dos Portuguezes na India? diga-o Dio e Ormuz! Porém como se não distinguirião assim os descendentes dos Veriatos que fizeram tremer a propria Roma senhora do Universo? E que provas de eroicidade não apresenta a istoria moderna? Ellas são ainda recentes. Os Portuguezes forão o terror das Legiões Françezas!

Que é uma resistencia Hespanhola? 775 annos de combates contra os Mouros. Diga-o Augusto, que na *Cantabria* perdeu dous exercitos. Diga-o Napoleão que viu suas legiões terror da Europa serem expulsadas desde Cadiz até Tolouse. Diga-o Saragoça, e 45 § Françezes que allí ficarão sepultados. Digão-o 100 § que das Hespanhas não voltarão á sua Patria!

E então ainda averá quem duvide da Liberdade Peninsular? Quem nos faz a guerra? Um velho que vê seu throno abalado, e quasi a espedaçar-se. A França deseja a Liberdade, e como pelejará pela escravidão? Um *Povo* que derramou tanto sangue pela Liberdade, será tão nescio que o queira derramar pela tyrannia? Não: a Liberdade não pôde succumbir; nós seremos livres, e levantaremos o pendão da Liberdade no meio de París; se *Luis XVIII* ousar invadir a Peninsula: e se por desgraça a Liberdade succumbir, não existirão Portuguezes e Hespanhoes para escravos; dominarão os tyrannos unicamente sobre ruinas.

*Conclusão da Sessão 1.^a dos Amigos do
Tenebrosissimo Astaroth.*

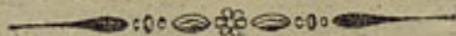
O irmão Zejo Besnarder muito zangado = Já aqui se ouve fallar em palavras da constituição!! Isso não presta. Quem ousou dizer, que a lei era igual para todos? Essa agora é boa. Um ómem cá da minha esfera, com ábito ao peito, e crescente áde estar sujeito á mesma lei a que estão os çapateiros, barbeiros, e áquella a que eu estava sujeito quando andava pelas igrejas cantando servindo de mú-

sico? Nada, agora outro galô me canta. Uma lei é para mim, outra para o meu barbeiro, e outra para os meus discipulos, pois entre elles, e a minha pessoa é tanta, e tão grande a distancia, que nem ponto de comparação pôde aver, posto elles me julguem burro, e estúpido (o diabo; e com muita razão). Desterremos dentre nós iguaes principios não só porque são contrarios á justiça, que nós adóptamos, mas por que sua doutrina é prejudicial a nossos interesses. Proponho pois, Irmão presidente, que seja repreendido o que soltou taes palavras, e o que tornar a trazer aqui principios Constitucionaes seja expulso d'entre nós com infamia. » *Apoiado, apoiado*, gritarão todos; e o presidente perguntou; « Quem foi d'entre vós tenebrosissimos irmãos, que disse, que a lei era igual para todos? ». Todos porém responderão; *eu não, eu não*: e logo o irmão Zejo Drope da Tacos fallou = Irmão presidente, posto eu, ou a minha pessoa me julgue offendido, escandalizado, atacado, desprezado, aviltado, insultado, ou vilipendiado por me não averem escolhido, designado, procurado, ou eleito para presidente, ou cabeça desta sociedade, assemblêa, congregação, ou ajuntamento, com tudo, ou não obstante tál é o amor, amizade, ou inclinação que vos tenho que apesar de ter feito tenção de nunca fallar, eu não posso deixar, depois de vos

ver n'uma tal colizão, crise, ou duvida, de lembrar, ou fazer uma moção, proposta, ou indicação, afim, ou para que se venha na averiguação, ou conhecimento do irmão, que ousou dizer, que a lei era igual para todos. O que soltou taes palavras tinha grandes desejos de fallar; aquelle pois, que primeiro pedir palavra será o tal maganão, maroto, desavergonhado, ou patife. « *Apoiado, apoiado*, gritarão todos a uma voz; e ficarão todos n'um profundo silencio até que entrou o cozinheiro com o seu abental, e uma caçoula dizendo: « Senhores são 3 óras depois da meia noite; é tempo de cear; as ervas, o grão, e a palha já está na meza, venhão comer. « Ah! maroto, gritarão uns poucos, tu és o criminozo, porque foste o primeiro que fallaste, receberás o merecido castigo ». Outros = não, não foi, que estava na cozinha. « *Foi, não foi*; houve grande barulho, e o presidente vendo tudo em desordem lhes disse: « Tudo isto é fome, vamos comer, e á manhã veremos isso. « *Apoiado* gritarão os Frades, *viva o nosso Presidente que nos enche a pança* ». Fechou-se a sessão, e forão saltando para a cea; e nós nos esgueiramos. Chegados á cadeia perguntei ao diabo a razão porque ali não estavam todos os Collegiaes de S. Drope e elle me disse, que era porque sendo òs que ali faltayão Constitucio;

naes e Sabios os não admittião ás suas patuscadas. Adeos até outro dia. —

Se o diabo me vier buscar para vêr as mais sessões, eu as publicarei.



NOTICIAS:

H E S P A N H A.

SEVILHA 17 DE MAIO.

No dia 2 do passado tinha o General Mina seu Quartel em Castelfollit de Flavia; isto é para a parte do norte da Catalunha. O General Mina se acha na Provincia de Gerona, e differentes brigadas deverão reunir-se para uma operação importante.

O General Morillo continuava no dia 27 do mesmo mez cobrindo o Esla ainda que com poucas forças: os Françaes e Facciosos temião aquelle chefe o qual avia mandado algumas tropas para Santonha. Os Batalhões existentes em Galiza e Asturias se organisavão com actividade. Os corpos de guerrilha já começavão a manobrar no 3.º districto. No dia 8 do corrente o Quartel do General Ballesteros se achava proximo a Vallencia. No dia 12 estava o General Abisbal em Se-

govia. Os Facciosos fugirão á vista dos Constitucionaes. A divisão do General Zayas tinha ordem para concentrar-se. Logo que este General entrou em Avilla, os afrancezados (que nós chamamos corcundas) abandonarão Valladolid.

Algumas tropas de diferentes guerrilhas do 3.º exercito vierão á Provincia de Ciudad-Real. Uma divisão de Cavallaria do mesmo exercito, e outra de Infanteria se organizarão na Extremadura. Oje partio o General Villa-Campa para Carmona onde vai estabelecer o seu Quartel General. O Conde de Abisbal mandou prender diferentes individuos em Segovia: a maior parte delles ecclesiasticos.

De Londres sabe-se o seguinte. O General Bamard ex-Ajudante de ordens do Duque Wellington saio de Londres dirigindo-se para a Hespanha. Este General é apaixonadissimo dos Hespanhoes, e julga-se que a sua viagem não é de mera observação. (Naturalmente é para defender a LIBERDADE PENINSULAR). UNIÃO e CONSTANCIA; a causa da LIBERDADE será triumphante.

Sabemos com certeza que o Valorozo Coronel Arana se acha com a sua columna na serra de Cameras, e que uma divisão do General Ballesteros occupa Molina de Aragón.

GENOVA 25 DE ABRIL.

Sabemos que em Valencia os facciosos pagarão caro o seu atrevimento, e não duvidamos que o mesmo aconteça a todos quantos fizerem semelhantes tentativas.

A Proclamação que o General Mina dirigio ao Povo Francez foi muito bem recebida, e brevemente saberemos o resultado que nos deve ser satisfatorio.

Na França continuão as desordens particularmente em Brest. Todos esperão com impaciencia o triumpho da LIBERDADE PENINSULAR; assim como da LIBERDADE da Europa.

C O R T E S.

Deo-se uma punhalada na Constituição!!!
 ;;; Os Legisladores cedêrão (amarrando suas mãos) do mais seguro fundamento da Liberdade! da iniciativa das Leis! Quem tal diria? Os Ministros com a iniciativa de Leis?

A historia das Assembléas Legislativas mostra-nos que quando estas cedem a minima prerogativa, a sua decadencia accelera os passos, e vem a aniquilar-se o seu poder. Que se deve pois conjecturar do nosso Congresso? que em breve veremos resurgir em nossas Tribunas o lado direito da Tribuna Franceza triumphando da esquerda!!! Ozakú que tó

não succeda, porque os Portuguezes não sendo apáticos e frouxos não deixarão escapar de suas mãos a Liberdade...

O art. 105 da nossa amada Constituição foi ferido... A nossa Liberdade periga, porque se roubou aos nossos Legisladores os poderes que lhes tínhamos dado. Resta agora que continue a suspensão do Habeas corpus para mais desgostar os Portuguezes, e para os tornar tímidos e receosos. A Patria não estava em perigo para se tirar aos Legisladores a iniciativa das Leis; está-o-á para se suspender o Habeas corpus? O Redactor está bem persuadido, que a suspensão d'elle se não prolongará; porque o Congresso não deve querer ser contradictorio com seus principios. E não quererão dar aos Ministros um poder despótico capaz de tornar os Cidadãos escravos. Que motivos terá o Ministro da Justiça para a pedir?... Os escriptores o sabem... Oxalá que elle não consiga o que pertende, porque a Nação o não quer, ella é quem legisla; ella é quem pôde tudo... e quer ser livre....



